

O alemão falado no Rio Grande do Sul e suas transformações ¹⁾

por Erich Fausel

Quando pensamos nas relações entre os povos geralmente falamos de política, de comércio e de técnica. Mas, igualmente, deveríamos pensar nas grandes migrações dos povos e, antes de tudo, no contato lingüístico no qual se realiza e se evidencia o grau de aproximação mútua. Não há língua moderna viva e de importância cultural que não mostra em centenas de palavras, em formas e construções essa interdependência frutífera e forte. Não podemos falar nem uma frase inglesa sem usar palavras e ao mesmo tempo, expressões gramaticais de línguas germânicas ou do normano-francês. E como seria diferente o português se não tivesse sofrido tantas e tantas influências do árabe e, em quantidade muito menor, de certas línguas de tribus germânicas! Mas não existe somente esta transformação de línguas pelo contato migratório, causada por invasões ou por transplantações políticas de povos, conhecemos na mesma maneira, as relações quase cotidianas da vizinhança.

Como na filosofia, na psicologia e na teologia moderna a chamada situação fronteira — a «Grenzsituation» dos pensadores alemães — oferece a melhor possibilidade de observação, assim a vizinhança lingüística representa uma das mais ricas e valiosas fontes de pesquisa. Homens não podem viver uns ao lado dos outros sem se influenciar continuamente. Neste caso o alemão, por causa da situação central da Alemanha na Europa, é um campo excelente de investigação. Se observamos a parte oriental e seu contato milenar com as várias línguas eslavas, se passamos para o norte e a zona do báltico com suas inúmeras ligações lingüísticas com os povos escandinavos, se visitamos o oeste e as regiões limítrofes do francês ou se vamos para o sul e o sudeste com seus vizinhos italianos, húngaros ou croatas, em cada região o alemão mesmo irradiou para as línguas contíguas, mas estas, por sua vez deixaram seus vestígios no alemão falado nas províncias fronteiriças. Assim, por exemplo, o alemão falado no Luxemburgo, e na Alsácia esta misturado com certas palavras e locuções do francês, ainda que os limites entre as duas zonas de línguas diferentes quase não mudassem e mmuitos séculos. Não há nada de anormal neste câmbio, é uma troca natural como aquela de mercadorias e de produtos das indústrias típicas daqueles povos, é uma espécie de intercâmbio

1) Conferência na Universidade do Rio Grande do Sul em Pôrto Alegre em junho de 1961.

cultural que se realiza de dia em dia, sem programas oficiais, sem autorização governamental e sem preconceitos quaisquer. A hostilidade da fronteira raras vezes vem dos povos, é mais um resultado da política, vem dos governos, de grupos economicamente antagonicos e de aspirações ideológicas. Quem conhece a realidade da vida nas fronteiras não pode negar que tem um fluxo e refluxo ininterrupto não só de homens e certas peculiaridades lingüísticas, mas, sim, de muitos costumes e hábitos. Só a fronteira ditatorial é que desconhece ou mesmo proíbe a formação desta atmosfera de compreensão e vizinhança natural.

Espírito de compreensão e de boa vizinhança, eis a necessidade primordial, eis o leitmotiv de toda pesquisa lingüística que se desprende de exigências absolutas, que quer servir a ciência e não menos a vida e que deseja contribuir, por seu lado, ao intercâmbio cultural e à aproximação dos povos.

Vivemos aqui no Brasil num país de grande imigração onde a vizinhança diária das etnias e línguas mais diferentes é quase natural. Temos, por isso, aqui um campo de investigação não menos importante e interessante do que no centro da Europa.

Será o nosso dever hoje o de observar e analisar um setor só do vasto problema, temos que falar do alemão que se fala entre os imigrantes e seus descendentes aqui no Rio Grande do Sul.

Quando, em 25 de julho de 1824, os primeiros 43 imigrantes chegaram em São Leopoldo, eles já formaram um grupo singular quanto à sua linhagem e situação familiar, à sua profissão e confissão: da lista dos imigrantes que ainda existe consta que contrariando os desejos do governo imperial de então mais ou menos 80% dos recém-chegados pertenciam a Igreja protestante; 16 eram casados, 27 solteiros. 7 foram registrados como trabalhadores na lavoura, entre os restantes se classificaram dois marceneiros, um ferreiro, um pedreiro e um papeleiro. Uma pequena sociedade primitiva sem qualquer organização ou coerência sociológica! Nem vieram de uma só zona ou região de seu país de origem, chegando do norte e do sul da Alemanha, de Hamburgo, de Holstein e da Baviera.

Esta primeira leva de imigrantes assim já demonstra claramente o que vai se repetir nos decênios seguintes: aqui não se trata de migração planejada ou organizada, de transplantação de grupos sociologicamente selecionados, diferenciando-se essa migração assim completamente dos movimentos migratórios da Idade Média. Com a manumissão dos camponeses e a estipulação de novos direitos pela Declaração de Independência dos Estados Unidos, pela Revolução Francesa e pelas novas constituições destruíram-se os últimos restos da organização social da Idade Média, tomando outro rumo os processos migratórios, as evoluções lingüísticas e culturais. Transcorreram em formas puramente individualistas grande parte das migrações do século 19, isolando o homem das velhas ligações sociológicas e, ao mesmo tempo, amalgamando-o em massas mais

e mais uniformes. O preço que se pagou pela liberdade adquirida foi, pelo menos no comêço, demasiadamente alto!

São esta desorganização completa, essa multiplicidade de procedimentos, essa irregularidade que impediram até hoje uma relação verdadeiramente científica de todo o complexo processo da imigração, pois nêem o livro recente e sob todos os aspectos excelente de Jean Roche «La colonisation allemande et le Rio Grande do Sul» conseguiu dar a história da imigração, ainda que desse uma análise profunda e ôtimamente documentada. E' êle também que, ao lado de poucos outros, quer abordar o problema da língua que se fala entre os alemães radicados aqui.

Ê esta língua, suas peculiaridades, suas qualidades específicas e suas transformações que queremos observar agora, bem cômicos das dificuldades que nos defrontam e convencidos que mais do que um bem intencionado ensaio de aproximação não podemos dar. Mas vale a pena! Vivemos numa época do pluralismo de línguas. Um homem de certa cultura não pode viver sem o conhecimento de uma ou outra língua além da sua própria. O que, então, deve ser mais interessante para os que vivem aqui do que conhecer algo de uma língua que se fala na casa do vizinho, muitas vêzes do amigo e colaborador. A estatística é escassa, mas, sem exagerar, podemos talvez dizer que no Rio Grande vive mais ou menos $\frac{1}{2}$ milhão de Riograndenses que, de uma maneira e outra, compreendem ou falam uma ou outra forma de alemão.

Se já os primeiros imigrantes representaram vários dialetos e descendências diferentes, o mesmo se repete com a maior parte dos outros que vieram mais tarde. Desde o comêço, por isso, não existe nenhuma igualdade lingüística, nenhuma homogeneidade de expressão. Contribuíu isto, com tôda certeza, para as muitas transformações posteriores como, da mesma maneira, a diferença dos sistemas de colonização, de habitações e da posição social. Parece-nos não sem importância anotar o exemplo de São Leopoldo cuja evolução em três direções diferentes deixou seus vestígios também na língua dos três grupos em questão: os colonizadores e pioneiros continuaram desembrenhando a mata virgem e abrindo novas colônias, levando consigo a velha herança lingüística e cultural; o segundo grupo, de moldes diferentes, transformou-se nos futuros comerciantes e industrialistas da capital crescente e entrou em contato contínuo com a vida econômica e, no curso do tempo, também política e cultural do país inteiro; enquanto que os restantes, muitos artesãos e a classe média da pequena vila, ficaram e por muito tempo vacilaram entre as duas formas de vida. Fica inteiramente confirmada essa minha opinião pelo que diz o eminente sociólogo Emilio Willems, falando sôbre as três fontes principais das mudanças lingüísticas. Antecipando alguns pontos que vamos abordar mais tarde, já podemos citar o trecho correspondente de Willems na íntegra:

«1) O meio físico diferia profundamente do meio ambiente europeu e impunha, paralelamente a outras mudanças culturais, a aquisição de uma terminologia que preenchesse as lacunas existentes no equipamento lingüístico trazido dos países de língua germânica.

2) Raramente as comunidades teutas se compunham de imigrantes culturalmente homogêneos. Já vimos que, em geral, êles representaram culturas regionais e locais e, portanto, padrões lingüísticos muito diferentes. O contato entre dialetos e padrões provinciais originou processos de difusão intra-étnica bastante complicados. Pouco se sabe sobre êsses caldeamentos, a não ser que os dialetos e padrões provinciais mais «poderosos» (no sentido numérico ou social) absorveram os demais, mas que o resultado final dêesses processos, o linguajar atualmente falado, se impregnou de um número maior ou menor de traços fonéticos e gramaticais dos padrões absorvidos.

3) Os imigrantes entraram a viver, desde o primeiro dia, em simbiose com grupos culturalmente diferentes. Em muitas partes estabeleceu-se uma divisão de trabalho inter-étnica condicionada a relações secundárias, intermitentes ou permanentes. Por menos freqüentes ou intensas que fôssem essas relações, nunca deixaram de funcionar como canais de infiltração lingüística. Geralmente a aquisição de novos elementos oriundos das culturas circunvizinhas era acompanhada da adoção dos termos correspondentes.»

Eis as fontes das mudanças! Mas qual é, antes de tudo, a herança lingüística que os imigrantes trouxeram?

Qual é a língua falada pelos alemães mesmos?

Será o «Buehndeutsch», o alemão do palco, formulado e sancionado na obra de Siebs? Ou será simplesmente o alemão falado em certos empórios do Norte da Alemanha? Se, na época dos primeiros imigrantes o alemão oficial ou padronizado do tipo «Hochdeutsch», o alto alemão, só estava em formação, hoje podemos dizer que já existe uma certa unidade lingüística levemente acentuada pelas intonações ou pequenas peculiaridades de pronúncia regionais. Mas 150 anos atrás já existiu a língua clássica da literatura alemã.

Foi o alemão escrito que logo se manifestou na formação do alemão que estava sendo falado aqui. Mesmo se, entre os colonos dos primeiros tempos, houvesse alguns só meio alfabetizados, a maior parte dos ádvenas trouxe um modesto fundo cultural. «Verdade é», escreve o P. Balduino Rambo, «que o patrimônio escolar da grande maioria não passava dos conhecimentos fundamentais de ler, escrever e contar, e que o elemento intelectual, exceção feita dos «Brummer» e de casos isolados, praticamente não existia na população rural. Entretanto, nenhum grupo de imigrantes no Brasil fêz tantos esforços e sacrifícios para transmitir aos filhos sua modesta herança cultural como os alemães; e se ainda hoje não há, nas comunidades habitadas por seus descendentes, criança que

não freqüente a escola a razão está na vontade cultural herdada dos antepassados.» (Enciclopédia Riograndense I p. 84).

O conhecimento do alemão escrito assim foi difundido pelas centenas de escolas da colônia as quais, como o P. Rambo atesta, «devem ser consideradas como simples expressão do ambiente histórico.» Mas já a primeira cartilha editada em 1828 pela tipografia Dubreuil de Pôrto Alegre «principalmente para a colônia de São Leopoldo» é uma prova convincente do ensaio de adaptação à nova pátria e ao novo ambiente. Naturalmente essa sociedade de colonos, pequenos negociantes e artesãos não era capaz de dirigir qualquer produção literária de alto valor, como por muito tempo não conseguiu um meio intelectual propício à criação de obras literárias. O colono, limitado a família e vizinhança, vai conservar a língua dos antepassados sem, entretanto, participar da evolução intelectual ou literária da velha pátria. Mas sejamos francos e claros neste ponto: a integração perfeita na nova pátria exigiu também uma expressão literária na língua tradicional do imigrante. Quem não compreende isto, nunca compreenderá o problema de imigração em tôda a sua complexidade. Um dos pontos mais visíveis da questão é justamente a evolução natural e regular de certa literatura, por mais simples que seja. Possuímos tôda uma coleção de livros escolares confeccionados, especialmente, para o uso nas escolas da colônia nas quais, aliás, o ensino do vernáculo se administrava também a custo dos colonos e sem as menores despesas para os cofres públicos!

Todo êsse alemão escrito se transformou em fôrça viva de alemão falado, conservando ou aumentando o vocabulário, introduzindo novas idéias ou expressões e oferecendo inúmeros tópicos de conversação e discussão. Foi de grande importância a publicação de jornais no país mesmo, ainda que grande parte da literatura fôsse fornecida aos colonos em forma de almanaques e revistas importadas. Os primeiros jornalzinhos — Der Kolonist e Der Deutsche Einwanderer — logo desapareceram e só após quase 40 anos os milhares de imigrantes conseguiram manter um jornal, prova suficiente das dificuldades dos primeiros decênios! Não podemos dar a lista de todos os jornais publicados nos 100 anos passados. Poderíamos festejar o centenário da «Deutsche Zeitung» neste ano, se tivesse sobrevivido os tempos das duas guerras! Representaram êstes jornais além do serviço informativo geral uma expressão natural e sadia da vida colonial e, sobretudo, em inúmeros artigos, uma fonte sem par da verdadeira história da imigração e dos imigrados.

De influência muito mais duradoura e intensiva foram os anuários substituindo muitas vêzes o livro e, assim, adquirindo uma importância multilateral na formação da mentalidade colonial. Afirma, em obra editada em 1917 em Philadelphia, o autor norteamericano Benjamin Franklin Schappelle: «The want of reading matter has been filled by the most important medium, the almanac... We might call the almanac the colonists' encyclopedia... In addition

to being an indispensable source of information to the colonists, the Brazilian German almanacs are also most valuable to persons living outside of Brazil who want to form an idea of the life of those colonists.» Falando da evolução da língua alemã no Brasil e observando as transformações lingüísticas Schappelle acrescenta, aliás: «It is to be remembered, however, that High German is the norm in ordinary news articles in almanacs, newspapers etc. as well as for literary purposes in general. In such instances Brazilian German forms appear relatively rarely.»

A Bíblia e o anuário, ao lado do hinário religioso, são, de fato, os verdadeiros livros do colono de outrora. O anuário bem redigido, adaptado à vida peculiar da colônia, com artigos para tôdas as idades, ocupações e predileções, conseguiu criar uma tradição lingüística firme e ao mesmo tempo construir os alicerces morais e mentais das populações trabalhadoras e pacíficas do interior. E qual foi o maior sucesso dêste esforço contínuo em língua alemã: os imigrantes vindos de zonas longínquas se transformaram em cidadãos brasileiros ativos e valiosos. Refletiu-se nestes anuários diferentes também a formação tripartida da mentalidade colonial de outrora: o ativismo secular e o liberalismo filosófico de Koseritz foi contrariado pelo espírito protestante e cristão do Dr. Rotermund, até que, em época já um tanto pacificada, os católicos de língua alemã se juntaram ao concêrto dos almanaques.

Quando sabemos que alguns dêstes anuários tinham edições de 20 até 30.000 exemplares podemos mesmo dizer que, em todo caso até os limites de nosso tempo, o colono em sua relação ao alemão escrito não se distinguiu essencialmente do simples camponês das zonas agrárias da própria Alemanha. Naturalmente o conhecimento do alemão escrito e a prática do alemão falado não se correspondem diretamente como, aliás, em tôdas as regiões onde se falam dialetos.

Mas quase desde o começo da colonização existiam certas zonas ou camadas de imigrantes onde, ainda que parcialmente falassem o chamado «Pommersch» ou «Westfaelisch Platt», muitos usavam um alemão bem próximo do tipo padronizado, um verdadeiro alto alemão. No estado vizinho de Santa Catarina, por exemplo, uma região se destacou tanto que entre outros Schappelle escreveu: «Dona Francisca was founded under favorable circumstances, at a time, when many Germans, including members of the «upper classes» were leaving the fatherland on account of the general political discontent during the latter part of the forties of the past century. This fact is reflected in the German language as spoken in Joinville to-day. It is perhaps more free from dialect than in any other German colony in Brazil.» Schappelle mesmo acreditou na influência moderadora do alemão padronizado, «a modified form of High German.»

Não podemos deixar de mencionar também êstes grupos de comerciantes, representantes, engenheiros e técnicos alemães ou de

descendência alemã, os quais, especialmente nos grandes centros de comércio e indústria, cultivaram um alemão mais elevado e bem diferente do linguajar da colônia.

Foi de suma importância para o cultivo do alemão padronizado no Rio Grande do Sul a vinda dos Brummers depois da revolução fracassada de 1848/9 e o fim desastroso do movimento libertador no Schleswig-Holstein. Estes membros da legião estrangeira do Brasil logo depois, de refugiados e soldados demitidos se transformaram em propagandistas de idéias e exerceram sua influência sobre os colonos no papel de professores, redatores, colonizadores e políticos. Mas nunca, como já Willems afirmou com todo jus, «a atuação intelectual dessa elite e das outras que mais tarde se constituíram, alcançou de modo apreciável as inúmeras comunidades distantes dos centros urbanos.» (p. 276) Nem podemos esquecer outros grupos intimamente ligados ao pensamento alemão e à língua educada e espiritual: os muitos padres Jesuitas vindos da Alemanha e, por causa da conservação da tradição religiosa, sempre sérios defensores da língua dos colonos. Vieram, na época de Bismarck, não poucos socialistas forçados à emigração da mesma maneira como, em tempos mais recentes, vários grupos de inimigos do Hitleirismo, judeus e antitotalitários aumentavam o número daquêles que usavam um alemão mais culto e que, as vêzes, criaram verdadeiras ilhas dum alemão padronizado no meio de dialetos e deformações.

Pois onde se fala o alemão fora dêstes grupos ou de certas famílias de cultura elevada quase sempre se nota uma **influência dos dialetos**, seja na intonação, nos ditongos e sua função, na escolha das palavras ou no uso bem variável do caso! Isto, entretanto, não é de admirar: Na Alemanha mesma registramos fato igual, diferenças típicas na pronúncia, na acentuação, na fonética das vogais e das consoantes. O alemão oriundo do Sul e o Hamburguês, por exemplo, mesmo se ambos estão falando no «Hochdeutsch» logo se deixam reconhecer por peculiaridades típicas de sua maneira de falar. Aqui, no Brasil, na zona de Blumenau, é fácil encontrar pessoas continuamente trocando «mir» e «mich», enquanto que os descendentes da zona do Hunsrueck têm pouca certeza no uso do artigo. Encontramos também certas formas obsoletas na Alemanha de hoje como «alsmal», «paar» em vez de «gelegentlich» e «ein paar», o uso estranho do mais que perfeito («ich war gewesen» em vez de «ich war») e variações na ordem das palavras («wie ich bin nach Hause gekommen»). Acha-se também uma pronúncia um tanto vagarosa e uma tendência de abrandar as consoantes finais. Mas muitas dessas transformações observadas com pessoas, falando um alemão padronizado e gramaticalmente assáz correto, com grande vocabulário e facilidade de expressão parecem mais explicar-se da influência do português do que de dialetos. A fonética portuguesa às vêzes vence na pronúncia de palavras estrangeiras ao alemão por serem mais conhecidas na forma portuguesa do que na expressão alemã. Mas, no total, a pronúncia do alemão oficial nem de longe passa por tantas transformações como o alemão falado nos

Estados Unidos onde mesmo alemães da primeira geração de imigrantes não poucas vêzes adotaram um sotaque completamente alheio ao alemão.

Muito sofreu a difusão do «Hochdeutsch» aqui pela proibição do ensino do alemão durante e depois da segunda guerra mundial. O alemão, entretanto, continua ser uma das grandes línguas da cultura humana. Quanto mais o Brasil progredir na sua evolução moderna entrando como potência autônoma no mundo político, econômico e intelectual, tanto mais deve utilizar-se de tôdas as forças à sua disposição, tôdas as imensas possibilidades de aumentar o inestimável valor do intercâmbio cultural. São portadores legítimos disso os inúmeros descendentes de imigrantes de muitas nações e línguas, hoje todos brasileiros convictos. Mas, tanto no setor econômico como no cultural, o Brasil inteiro poderia ter proveitos sempre crescentes de uma população falando, além do vernáculo, as respectivas línguas dos seus antepassados. É um fato isto e uma força para criar uma atmosfera propícia e benéfica para o clima internacional.

Mas além do alemão oficial falado na Alemanha sempre viveu e viverá uma expressão lingüística diferente, dividida em vários dialetos. «Estes» disse Willems «continuam sendo falados até hoje pelas populações rústicas, grande parte do proletariado e da pequena burguesia. Em parte nenhuma as diferenças entre dialetos vizinhos são profundas a ponto de torná-la mutuamente ininteligíveis às populações que os falam. Mas camponeses do norte e do sul da Alemanha, por exemplo, não se entenderiam se, ao estabelecer contato, usassem apenas de seus dialetos respectivos.» O baixo alemão do Norte da Alemanha já não é mais dialeto, mas antes uma forma antiga do alemão, quase uma língua em si mesma. Essa divisão mais clara facilita o uso dos dois idiomas um ao lado do outro.

O mesmo não se pode dizer no Sul da Alemanha onde, entretanto, o uso quase geral do dialeto é uma das realidades mais significantes. Basta dizer que homens de fama mundial como Schiller, Hoelderlin, Hegel ou Schelling usaram seu dialeto suevo não só para a conversa familiar mas para discutir os mais difíceis problemas artísticos e filosóficos. O velho presidente Professor Heuss, como qualquer simples trabalhador ou camponês, ainda sabe conversar no dialeto sem qualquer constrangimento. E, eu posso afirmar da minha própria experiência que nós, na escola, no ginásio, como na universidade fizemos pleno uso do dialeto para exprimir ou defender nossas idéias culturais. Não acreditamos na inferioridade do dialeto, pelo contrário, vemos nêle uma ligação mais direta e mais profunda às origens, às raízes das respectivas línguas.

Não obstante temos que confessar que em muitos países do mundo os dialetos estão diminuindo. Dois anos atrás, na Universidade de Muenster, na Westfalia, nós participámos dum congresso de lingüistas de toda a Europa e quase unanimemente todos os

presentes, fossem da Polônia ou da Jugoslávia, da Alemanha ou da Bélgica afirmaram este retrocesso dos dialetos causado pelos meios modernos de comunicação (rádio, cinema, televisão), pelas escolas unificadoras, pela maior difusão do livro, pelo costume de viajar e, naturalmente, pelas facilidades modernas do tráfego, finalmente pelas grandes migrações forçadas da guerra e de após-guerra.

Aquí no Brasil, a grande massa da população colonial, descendente de imigrantes alemães continua falando seus dialetos. A vida destes colonos muitas vezes só se pode explicar ou compreender por quem sabe algo do dialeto, pois nem o «alto alemão» nem o português alcançam a situação especial destes homens. Foi uma das grandes surpresas para Schappelle: «The dialect under discussion as spoken in the «pikaden», is practically incomprehensible to the German speaking person travelling in Brazil for the first time. To the uninitiated it is even harder to understand than the German dialects of North America. The latter developed under the influence of a related language, while the former came into being because of linguistic influences entirely foreign.» (pág. 40/41).

Jean Roche, o culto francês, não fica menos pasmado em observar «le parler teuto-riograndense»: (p. 496) «C'est un phénomène très complexe que l'évolution de la langue parlée par les colons. Au début de la colonisation les immigrants ne pratiquaient pas le bon allemand (Hochdeutsch) mais les dialectes en usage dans leurs États ou Provinces et dont la conservation s'explique par leur isolement et leur groupement plus ou moins spontané suivant leurs régions d'origine, Poméranie, Westphalie, Hunsrueck, Rhénanie. Certains ont pris le caractère de langue d'échanges, par exemple le rhénan. Malgré leurs insuffisances, des dialectes dominants ont eu une telle force assimilatrice que les immigrants d'ethnie différente qui par aventure s'installèrent dans une zone de peuplement essentiellement germanique adoptèrent la langue locale, c'est-à-dire un parler allemand.»

Willems, por seu lado, nos dá uma explicação do linguajar teuto-brasileiro (p. 276): «A condição fundamental para a constituição de comunidades lingüísticas no Brasil foi o isolamento espacial das principais áreas de colonização. Quanto ao meio da comunicação verbal não havia outro recurso senão a conservação do equipamento lingüístico trazido do país de origem. Na situação nova que se deparava aos imigrantes somente este idioma podia desempenhar as funções que normalmente uma língua exerce com relação à configuração cultural.»

No Rio Grande do Sul o linguajar do colono está antes de tudo influenciado pelo **dialeto do Hunsrueck**. Esta zona montanhosa da Alemanha ocidental, limitada pelos rios Reno, Mosela e Nahe está, na geografia dos dialetos, caracterizada pelo encontro de dois tipos do dialeto francônio, o Rheinfränkisch e o Moselfränkisch, diferenciados pela quantidade das vogais. Nota-se a forma característica de dilatação das vogais relacionada ao comportamento re-

fletido e à lentidão dos camponeses; são outras peculiaridades do dialeto a falta dos sons «ö» e «ü», a conservação do «p» em vez do «pf» (Dae Paerzfelder Parre hor e Pund Paelzer Tuwak, awer kae Peif), a substituição de «d» e «t» pelo «r» (Schneider — Schneire, Peter — Peere) e a omissão de «g» entre duas vogais (sagen — saan).

Chegava, de fato, a maior parte de imigrantes das regiões ocidentais da Alemanha dando assim uma preponderância natural aos dialetos francônios entre si intimamente ligados, o Mosel-, Pfalz- e Rheinfränkisch. Certa mobilidade do francônio, seu vocabulário bastante rico, junto com uma tenacidade elástica e a faculdade bem hábil de criar novas palavras (Schuppenschwein — tatú, Dreckbauer — João de Barro, Schleppgras, Mulenzuckerrohr, Schweinsborstentee, etc.) e seu poder considerável de assimilação destacaram êsse «Moselfränkisch» entre os outros dialetos sem que, por causa disso, pudesse ser chamado «o teutobrasileiro». Mas consta, que esta vitalidade reno-francônia — a força propulsora da migração interna de nossos dias — sobrepuja também os outros dialetos nas novas zonas de colonização no oeste ou norte do Paraná ou no Mato Grosso. Faltam, entretanto, pesquisas mais especializadas sobre o vocabulário e a influência da tradição familiar, da profissão, confissão e procedência sobre as flutuações de pronúncia entre aqueles que falam o «Hunsrueckisch».

Ainda que haja descendentes do Hunsrueck do tipo daquêl tão convencido de si que disse «Mir sein ka Deitsche, mir sein Hunsbuckler», infelizmente encontramos muitos desvalorizando seu dialeto em linguajar rústico e rude sem qualquer importância e expressão cultural. Não são raros êstes casos entre os filhos dos novos ricos e entre aqueles que querem avançar na vida seja no comércio, na vida pública ou intelectual e que assim se desligam do dialeto como dum fardo inútil sem que lhes venha a idéia de aproveitar-se do dialeto para aprofundar seus conhecimentos linguísticos. Quem menospreza seu próprio dialeto, não poderá, pelo menos, ter muita confiança em suas faculdades de expressão em qualquer outra língua.

No verdadeiro mundo dos colonos ainda vive uma porção de anedotas, gracejos e contos que aparecem na prosa popular das bodegas, das vendas, no balcão e no baralho, com preferência, sem dúvida, na roda do querido chimarrão. Estas histórias às vezes herdadas da geração dos imigrantes, às vezes influenciadas pelos vizinhos lusobrasileiros, mas muitas vezes de própria experiência ou invenção, quase nunca tomam uma forma documentada se não fôr, de vez em quando, num conto folclórico de jornais ou anuários.

Mas realmente existe certa literatura no dialeto bem digna de ser equiparada a produções literárias do mesmo tipo dentro da Alemanha. O dialeto do colono, geralmente em forma vituperada e artificialmente deformada, não é somente uma fonte de alegria bem barata de certas folhinhas ou programas radiofônicos, mas é,

sim, a expressão lingüística de homens simples e, por seu trabalho, produtivos e necessários.

È neste ambiente colonial onde o P. Balduino Rambo¹⁾ botânico de renome mundial e catedrático desta Universidade do Rio Grande do Sul, autor de obras puramente científicas no vernáculo, jornalista em ambas as línguas, encontra a matéria prima de seus contos em dialeto. Assim o dialeto Hunsrueck do Rio Grande nestes contos, em forma um pouco abrandada e, apesar do conteúdo muitas vêzes alegre, com tendências pedagógicas e moralizadoras, recebeu suas honras literárias.

São igualmente dignos de menção, os numerosos contos de Alfonso Brod, escritor tipicamente riograndense e, anos atrás, editor do «Brummbaer-Kalender», almanaque escrito na maior parte no dialeto do Hunsrueck. Estes contos divertidos, hàbilmente confeccionados e interessantes como p. ex. «Fixoel», «En scheen Wählgeschicht'che», «De Schorsch off de Kerb im Schwaartedaal» e muitos outros, não raras vêzes baseados em acontecimentos reais, lhe valeriam um lugar destacado entre os autores de contos folclóricos, mas, lamentavelmente, quase ninguém toma nota dêste talento tão raro e inimitável.

Enquanto que a maior parte dos teuto-riograndenses usa um dialeto mais ou menos influenciado ou derivado do Hunsrueckisch ou melhor Rhein-Moselfraenkisch, não devemos esquecer os outros grupos dialetais.

Ocupa o segundo lugar o grupo dos pomeranos, radicados na sua maioria no sul do estado ao oeste da linha São Lourenço do Sul — Pelotas, os restantes em mais algumas zonas no interior, especialmente perto de Santa Cruz do Sul. Mas aquí se nota um fato bem interessante: Como já dissemos, nas zonas do chamado baixo-alemão, o Platt ou Niederdeutsch, na Alemanha há muitos que, apesar de falarem o dialeto em família, usam o alemão oficial na vida pública. Coisa semelhante acontece aqui. Podemos confirmar o que Willems (p. 279) conta que realmente entre os colonos descendentes dos pomeranos — e igualmente da Westfalia — sempre há certos falando em casa o seu dialeto, mas usando em outras ocasiões um dialeto renano que êles consideram idioma-padrão. Criaram-se, certamente, relações inter-dialetais muito interessantes, mas achamos um tanto arriscada a opinião de Willems (279) «que nisso tenha havido um reconhecimento tácito da «superioridade» cultural dos colonos descendentes de renanos».

Pertencem ao grupo do baixo-alemão, do Platt, os colonos de procedência da Westfalia, hoje na maior parte na região de Teutônia no Alto Taquari. Mas, já falando do Platt, não devemos esquecer os Menonitas na região de Bagé. São êles um grupo de cunho nitidamente religioso, um grupo de verdadeiros migrantes

1) O P. Balduino Rambo S. J., infelizmente, faleceu em 12 de setembro de 1961.

nêste mundo. Seu dialeto é o baixo-alemão da Frieslandia e da antiga baixada de Danzig na Prússia Oriental.

São êstes os grupos dialetais mais ou menos compactos que ainda encontramos aqui enquanto que todos os outros dialetos, ainda que sejam falados, sòmente existem em pequenos agrupamentos isolados como p. exemplo os poucos restos do suevo em Panambí, do bávaro perto de Erechim, do bohêmio na zona do Agudo e Sampaio, do alemão dos Wolhynios na região ocidental do Rio Grande perto do rio Uruguai. Todos os outros dialetos — e há muitos na Alemanha — só se falam dentro de pequenos grupos numéricamente insignificantes ou em famílias meio isoladas. Conser-varam-se, todavia, durante cinco ou seis gerações o dialeto francônio em suas ramificações diferentes, tão bem como o «Platt» dos pomeranos e da Westfália. Sendo impossível tirar claras linhas divisórias entre os dialetos, não podemos dar números exatos sôbre sua difusão, mas, em tôda hipótese, o franco-renano e seus derivados alcançaram algumas centenas de milhares de praticantes.

Por enquanto unicamente falámos das várias expressões do «Hochdeutsch» e dos múltiplos dialetos usados aqui, nem sequer mencionamos as fortes influências do ambiente lingüístico e cultural do Brasil ou melhor do português falado aqui.

A lógica irreduzível dos fatos históricos e sociológicos como as tendências irracionais de cada língua contribuíram para êste encontro lingüístico, resultando disso em graus sempre variáveis, o simples empréstimo de palavras, uma mescla lingüística multiforme ou finalmente, uma espécie de **língua mista** de elementos alemães e portugueses. Em obra recente sôbre as transformações da língua alemã no Brasil um dos melhores conhecedores do problema, Carlos Oberacker Jr., já confirma «que a influência da língua portuguesa sôbre a alemã... aqui no Brasil... não fica atrás da que tem sofrido aquela pela incorporação de termos indígenas e africanos, pois os neo-imigrantes alemães têm de vencer não poucos obstáculos para compreenderem os colonos radicados no país há várias gerações». Sem subestimar a aceitação de muitas palavras no processo de assimilação cultural, Oberacker tem outras normas de diferenciação, distinguindo dois grupos, sendo o primeiro de palavras inteiramente inevitáveis ou de adaptação que poderiam ter sido evitadas sòmente pela criação de neologismos. O 2º grupo abrange as palavras cuja aceitação era, em princípio, evitável. Distingue aqui dois subgrupos: primeiramente, de palavras de depauperamento, aceitas pela pobreza lingüística do imigrante pouco culto, e em segundo lugar de palavras de assimilação cultural pròpriamente dita, para cujo acolhimento não existia necessidade objetiva. Oberacker não desconhece o caráter relativo e elástico desta definição de evitabilidade ou inevitabilidade. Para o imigrante da Europa central, de outro clima, outro ambiente e outra forma de governo, sempre terá certa inevitabilidade de expressões completamente estranhas à sua vida antiga. Mas a

aceitação dessas palavras pode variar em grau, pois «podem manter a sua pronúncia e acentuação originais ou tomar pronúncia alemã, como também desinência alemã, ou, ainda, ser completamente germanizadas.»

Sem tentar um sistema de ordem dêste tipo, sempre um tanto subjetivo, poderíamos simplesmente subdividir tôdas as palavras encontradas conforme as respectivas profissões, afazeres e esferas da vida daquêles que as usam, poderíamos mesmo restringir-nos a uma divisão puramente fonética ou folclorística. Seja como fôr, não podemos duvidar da realidade lingüística dêste linguajar bastante estranho à primeira vista, tão estranho que Schappelle disse: «They — os colonos — found themselves more or less thoroughly cut off from the outside world and its influences. It is not surprising, therefore, to find that these people have developed a new dialect which we may call «Brazilian German».» E logo quer também explicar a razão desta situação e evolução singular: «From the moment of their arrival on the parcel of land allotted to them they were in contact with many objects for which their mother tongue offered no designation. The animals, plants, insects, and even the agricultural implements in the new home land had to a large extent names for which the German language offered no equivalent. As a result many non-germanic words had to be immediately adopted.» Mas também Schappelle já se aproxima da questão de evitabilidade e inevitabilidade quando diz: (p. 42) «Had the immigrants and their descendents only adopted such words as had no equivalent in their mother-tongue, our case would be much simpler. They went, however, much further, and, as a result, even many of the commonest words dealing with the household or farm were replaced at an early date by Brazilian-Portuguese terms, or by formations based on them.» Nós não sabemos nada de exato sôbre a densidade e extensão dêste processo nos primeiros decênios, mas sabemos que já mais ou menos noventa anos atrás o fenômeno foi estranhado e observado num artigo do «Koseritz-Kalender». Willems, em 1946, com sua coleção de 693 palavras — incluindo unicamente 37 verbos, 6 adjetivos e 8 interjeções — não sômente oferece a maior lista dêste vocabulário, mas faz uma tentativa de classificação de acôrdo com a sua associação cultural. São 107 as palavras adotadas de animais domésticos e de criação em geral com uma porcentagem de 17,54. 99 dêstes têrmos ligam-se ao cavalo e aos apetrechos de montaria «correspondendo à novidade e à importância relativa do complexo equino na cultura teuto-brasileira». Não é menos fácil a explicação das palavras relativas aos poderes públicos, à alimentação ou as diferentes plantas. Schappelle já achou muito interessante a adoção de têrmos portugueses de parentesco: «The Portuguese forms are commonly used where the German forms would naturally be expected.» Willems, sempre guiado da idéia de aculturação, vê nisso o padrão brasileiro que serviu de modelo às mudanças que se operaram na família teuta.

Oberacker, na obra citada, não acha oportuna esta classificação segundo porcentagens pelo simples fato de serem muitas palavras só conhecidas por certo grupo ou usadas simultaneamente com a palavra alemã; ademais o vocabulário está sujeito continuamente a alterações, o valor assimilativo dos diversos grupos de vocábulos é bem diferente e antes de tudo, a quantidade de palavras portuguesas usadas não define o grau da assimilação, «o modo de falar, a construção das frases, os gestos etc. são muito mais significativos para o estado de aculturação de um indivíduo do que o número de palavras portuguesas que por ventura empregue.»

Apesar de estarmos de acôrdo com esta afirmação, achamos ainda interessante saber algo sôbre o número dessas palavras portuguesas misturadas em várias formas e deformações com o alemão dialetal e colonial. Compilando nosso vocabulário pensámos em encontrar algumas centenas de palavras conforme o dizer da pobreza e pouca variabilidade da língua do colono. Finalizamos com uma coleção de quase 3500 palavras diferentes, não incluindo ou contando muitas pertencendo ao linguajar profissional. Não há, pois, dúvida alguma sôbre a extensão dêste encontro lingüístico, e, em face da continuação viva dos dialetos ainda que enriquecidos por palavras novas, é preciso mudar a idéia usual sôbre o vocabulário fraco, minguate e exausto do colono.

Mas, em geral, êste colono mesmo não está cômscio de tôdas estas palavras emprestadas; e nem de longe compreendeu o hibridismo lingüístico aquêle que certa vêz disse, até orgulhosamente: «Mir spreche Hochdaitch, mir tun das Daitche un das Portugüesisch net misturiere.» Outra prova dessa inconsciência poderiam ser algumas formas tautológicas mencionadas por Willems (p. 306) como p. ex. «cavalo - Pferd», «milje - Mais», «chapéu - Hut», se não devem ser explicadas como frutos do senso humorístico de muitos colonos.

Os canais de infiltração lingüística eram multiformes, a intensidade mudando de colônia para colônia, de profissão para profissão, de pessoa para pessoa. Foram de necessidade imediata as palavras próprias ao novo ambiente, seja que pertencessem a cultura ergológica como as de significações de animais, de alimentos, plantas e utensílios do trabalho às vêzes completamente novo, seja que fôsem coisas relacionadas com a vida administrativa, jurídica ou política ou, finalmente, com profissões praticadas além do isolamento colonial. Foi esta a maneira do colono e imigrante de adaptar-se ao novo ambiente e de fazer de bom gôsto do novo país sua nova pátria e aquela de seus filhos. Sem deixar de falar seu dialeto alemão, mesmo com a boa vontade de conservar e cultivar esta ótima herança de seus antepassados, o colono tanto se integrou na nova pátria que, por exemplo, nos nomes de batismo muitas vêzes escolheu um nome português ou pelo menos abrasileirado. Viu nisso Schappelle, o Americano, no meio da primeira grande guerra um sinal típico do patriotismo dos colonos: «The

Portuguese Christian name in the country in question distinguishes the individual as a Brazilian not as a German. The people under discussion regard themselves first of all as Brazilians.» Mas Schappelle acrescenta, que, não obstante, querem conservar e cultivar seus costumes e sua língua herdada em pród da nova pátria. Parece tal mentalidade talvez ambígua ou infrutífera, mas é típica do verdadeiro colono teuto-riograndense, é sincera e não conhece subterfúgios.

Não negamos a afirmação de Willems (p. 307) que a razão de muitos empréstimos lingüísticos reside no prestígio que se atribui ao vernáculo e às pessoas que o sabem falar. Willems fala mesmo da elevação do vernáculo à categoria de símbolo, de língua superior, de língua prestigiada e privilegiada. Concordando plenamente com isso, chegamos a outras conclusões: causa principal da aceitação das palavras portuguesas e do hibridismo seguinte é o desejo firme da acomodação, enquanto que a grande estimação atribuída ao português estimula mais — como já se vê com o Coronel João Daniel Hillebrand, médico alemão e diretor da antiga colônia de São Leopoldo — a propagação do ensino do português e a vontade de expressão mais correta no vernáculo. Estas duas tendências podem convergir, mas muitas vezes decorrem em movimento paralelo. É uma simplificação errônea quando não admitimos isto.

Antes de mostrar alguns exemplos do vocabulário da língua mista do teuto-riograndense, queremos, para a melhor compreensão do problema, dirigir a atenção também aos **neologismos**. Já o Dr. Lacmann, em artigo publicado em 1905, mencionou p. ex. palavras como «Dachblatt», uma palmeira cujas fôlhas se usavam em lugar de telhas, ou «Lichtrohr», um tipo de taquara para fabricar tochas. Devemos restringir-nos neste momento e damos somente poucos exemplos significativos da fantasia lingüística do colono. Entre as muitas designações de animais encontramos p. ex.: Stinktíer — gambá, Sandhase — preá, Aasvogel — urubú, Dreckbauer — João de barro, Silberschmied — araponga, Pfeffervogel — tucano, Schlepper, Saubermacher, Wanderer — tipos de formigas, Krickelmaus — grilo. No reino vegetal: Ameisenbaum — imbaúba, Wollbaum — paineira, Naegelsbaum — cinamomo, Zuckerschotenbaum — ingazeiro, Elefantengras — capim elefante, Bankrottgras — capim gafanhoto, Zwiebelgras — tiririca, Schuh-schlappe — chuchu. Instrumentos ou métodos de trabalho: Busch-sichel — foice, Futterhaken — espécie de cangalhas, Schneidmuehle — serraria, Ofen- ou Schuppentabak — tipos diferentes de fumo. Outros tipos dessas palavras são: Musterreiter — caixeiro viajante, Zuckersteinche — caramelo, Fixfeuer — fósforos, Panzweh — dôr de barriga, Koppauseinanner — insolação, Kochofen — fogão. Tôdas essas e muitas outras palavras são invenções dos próprios colonos.

Não menos ativa é a fantasia do colono na formação de **palavras híbridas** onde, com bastante habilidade e a coragem típica do

inconsciente se amalgamaram palavras portuguesas e alemãs. «Nouns of mixed origin are quite frequent», disse Schappelle. Estas palavras, antes de tudo, tem seu timbre folclórico especial desvendando certas maneiras da vida do colono. Um alemão recém-chegado quase não compreenderá algumas destas palavras, mas sem muita dificuldade notará que essa hibridação, ação produtiva do colono, seguiu as formas gramaticais do alemão, justapondo em ligação genuína a palavra portuguesa explicativa e mesológica à idéia básica da palavra alemã. Facilmente encontramos muitas destas palavras em todos os setores da vida. São estas palavras não só de uso prático, mas igualmente, de certo cunho atmosférico e mesmo sentimental. Nós só escolhemos alguns exemplos para demonstrar a singularidade dessas expressões: Teebrung, Wasserbrung — porongo; Nussdoss, Schlappedoss — doce, Moschstuhl, Moschkuh — môcho; Kochmanjok, Eiermanjok, Manjokholz — mandioca; Fumfabrik, Fumbeutel, Rollfum — fumo; Hinkelkorral, Schweinskorral — coral; Backkamell, Fusskamell — gamela; Schickbaum — angico; Ameschebaum — ameixeira; Schabotikabaum — jaboticabeira.

Quem conhece a facilidade do alemão para formar palavras compostas seguindo uma regra quase matematicamente exata e praticável, não se admirará que os colonos, na formação dessas novas composições híbridas, inconscientemente cumpriram a ordem gramatical da língua de seus antepassados.

Assim já podemos dizer que, em verdade, se trata de uma espécie de **assimilação dupla**. O colono de descendência alemã assimila tantas e tantas noções portuguesas amalgamando-as com sua própria língua de origem, mas ao mesmo tempo — e geralmente sem perceber nem um nem outro lado dêste processo interessantíssimo — êle mesmo está sucessivamente assimilando-se ao português, transformando, junto com muitos costumes, gestos e maneiras de pensar, também sua língua. Só assim, apreciando a ativação recíproca das duas línguas, podemos realmente falar do linguajar teuto-brasileiro e compreender algo de sua originalidade.

Da grande **quantidade** das palavras aceitas só daremos alguns exemplos: Já nos primeiros anos expressões da vida pública como vila, câmara, praça, coletor, fiscal, multa, santa-casa, intendência e inúmeras outras, na maior parte em forma germanizada ou pelo menos com acentuação alemã, eram de uso geral. Introduziram-se com igual facilidade designações geográficas ou meteorológicas como campo, serra, cochilha, litoral e minuano. Na compra e venda todos logo falaram de braça, alqueire, légua, palmo, medida, sesmaria, quadra e lote e, pagando, contaram em vintém, patacão, mil réis e conto. Com o boi que comprou do gaúcho o colono adquiriu também os nomes do gado: alegre, andorinha, barroso, brasino, borboleta, crioulo, diamante, estrêla, malvado, mimoso, queimado e dúzias de outros. O colono plantando e colhendo mandioca, aipim, batata doce, milho e abóboras, mesmo falando de «Manjok, Aipi, Sissbatate, Milje e Bowre» não foi mais um camponês

alemão, mas sim um colono teutoriograndense de língua e hábitos próprios. Este colono, há muito, estava acostumado de tomar seu mat-chimarrão de manhã, «seine Grine lutsche», êle gostava mesmo de vêz em quando do cafêzinho, mas preferiu uma pinga ou cachaça; sua casa estava situada ao longo duma linha ou picada, seu gado pastava no potreiro e êle mesmo ia, de tamancos, à roça para capinar. À sua direita bamboleava um facão e para muitos trabalhos usava um instrumento perfeitamente novo ao imigrante, a foice, que, no talento lingüístico dos colonos, se tinha transformado em «Fuchs», velha palavra alemã de sentido bem diferente.

Seria fácilmo ler listas compridas de centenas de palavras aceitas, poderíamos falar de tôda a contribuição da sociedade agropecuária, do estado patriarcal e republicano, da vida social e desportiva — é só pensar no futebol — da atividade militar, comercial e técnica, mas achamos preferível dar ainda alguns exemplos do processo de mescla. Não é sem interêsse o que Schappelle no seu livrinho já escreveu: «Nouns form by far the greatest number of words taken over, followed next in order by verbs, exclamatory words and phrases, adjectives and adverbs. The last two appear relatively rarely.» Êsse fenômeno da falta completa de partículas, o uso muito escasso de advérbios e adjetivos — êstes geralmente de origem verbal — por outro lado a abundância de substantivos e a aceitação freqüente de verbos parecem provar que o desejo da acomodação material estava determinando o processo, e que pelo menos na sua opinião o colono continuava falando seu dialeto, só enriquecendo-o de novas expressões, mas a escolha era dêle.

A transformação das palavras adotadas reconhece-se melhor com os verbos e substantivos.

Na aceitação dos verbos os colonos simplesmente seguiram o exemplo do alemão oficial no seu costume de dar aos verbos de origem românica a terminação — ieren; assim a maior parte dos verbos portugueses em — ar, mas também outros em — er ou — ir terminaram em — ieren. Encontra-se, ademais, a terminação mais germanizada de — en. Entre os verbos aceitos a quase totalidade denota certa atividade ou trabalho, registramos só um número limitado de verbos abstratos. Só posso dar alguns exemplos ilustrativos: abrassiere — abraçar; abusiere — abusar; afroschiere — afrouxar; apitiere — apitar; kaprischiere — caprichar; despaschiere — despachar; enkaminjiere — encaminhar; estoriere — estourar; furiere — furar; schulgiere — julgar; relaxchiere — relaxar; selliere — selar; trawiere — travar; weraniere — veranear. Tem formas duplas também, p. ex.: em vez de «kaprischiere» aparece «kaprische».

Com as terminações de forma mais alemã existem p. ex.: kapiene — capinar; schege — chegar; schoge — jogar; mesche — mexer; trocke — trocar. Estas palavras já são mais uma espécie de loan words, Lehnwoerter, palavras emprestadas onde o colono nem sabe que são de origem portuguesa.

Formas de terminações portuguesas diferentes são muito mais raras, como estas do tipo de: defendiere — defender; torsiere — torcer; inwadiere — invadir.

Com esta mudança de terminações o colono conseguiu conjugar todos os verbos conforme as regras gramaticais alemãs.

Negligência e pronúncia incorreta contribuíram a mais outras transformações, modificando consoantes e palavras assim que finalmente saiu uma palavra de fonêmas alemães. Ouçamos algumas provas: papai — Babai; picaço — Bigass; poncho — Bunsch. O «p» português transforma-se em «b» alemão. O «t» muda para «d», «c» — «g», «g» — «k» em formas como tatu — Dattu; coque — Gock; gamela — Kamell.

Encontramos não poucas palavras com várias mudanças; o colono fiel- e inconcientemente participava também das mudanças de r — l ou l — r dizendo p. ex.: flosch em vez de frouxo; pleitiere em vez de empreitar ou Karse em vez de calça.

É muito freqüente a perda das últimas letras: amendoim — Mendowi; capim — Kapi.

Maior ainda é a transformação das vogais. Temos p. ex.: o — u: bomba — Bumb; porongo — Brunge; i — e: cochinho — Koschenilje; a — ô: pintado — Pintôde. O ditongo português «ei» em terminações como — eiro ou — eira aparece na forma simplificada — ee: balseiro — Balseere; capoeira — Kapoweere; figueira — Figueere; solteiro — Solteere.

A transformação, de fato, vem muitas vèzes do fim da palavra enfraquecendo-se o som final ou desaparecendo a última vogal. Foi essa, também, uma das primeiras observações de Schappelle tratando dos substantivos: «In the case of masculines the vowel ending is as a rule dropped.» Seus exemplos são: abatimento — Abatiment; campo — Kamp; pasto — Past. Transformou essa omissão completa do som final a palavra muito mais do que o simples enfraquecimento como em bandeja — Bandesche; isca — Iske; saída — Saide.

Temos a impressão que fazendo isto o colono, mais uma vez inconcientemente, deu às palavras um aspeto mais alemão, uma estrutura mais consonantal.

Tinham os descendentes do Hunsrueck uma predileção por formas diminutivas. Porque não empregá-las também nas novas aquisições lingüísticas. Não é bonito, não é cordial e familiar dizer: Tikotikche, Mareckche, Guriche, Babadche ou mesmo Gafanjoteflotche?

Coisa observada desde muito tempo é a mudança do artigo, possivelmente causada por sinónimos ou homónimos do alemão: o trinco — die Trinke, em alemão die Klinke, o mapa — die Mappe, em alemão die Karte e igualmente die Mappe, significando pasta; o barranco — die Barranke, em alemão die Boeschung; o charuto — die Scharutt, em alemão die Zigarre. Mas também o feminino não escapa a transformação: a mula — der Mule, em alemão der Maulesel,

a tropa — der Tropp, em alemão der Trupp. O fósforo — das Fosfor — das Streichholz.

Cortaram-se muitos prefixos do português, dando a palavra um aspeto novo: abóbora — Bower; adaga — Dage; alambique — Lambick; angico — Schick.

Sem qualquer respeito pela etimologia, sem o menor conhecimento das regras gramaticais transformaram os colonos as palavras portuguesas, simples sons nos seus ouvidos e não palavras escritas ou impressas de valor literário e cultural, e lhes deram a forma mais adequada à própria pronúncia, à desinência acostuada e à construção de suas frases simples e rústicas. Mudaram o acento, desfiguraram as palavras, mas sempre, enquanto que falaram seu dialeto, conseguiram apropriar-se das novas palavras sem mudar radicalmente a estrutura sintática das frases. Impriu-se raras vêzes só a sintaxe portuguesa ao estilo do colono, prova bem significativa do que dissemos.

Todo êsse processo, ainda em andamento, como aliás, a vida de cada língua, se deve compreender como tentativa do colono de familiarizar-se com essa sua existência no Brasil. É uma assimilação que usa os canais mais diferentes, mas sempre, enquanto que o colono está ainda trabalhando como pioneiro e que ainda tem a viva lembrança de suas origens étnicas e lingüísticas, esta assimilação é um sinal de certa expressão própria, ainda que não formulada em teses e teorias; é uma prática de vida, é o desejo do colono de viver nesta sua pátria brasileira em convivência feliz e próspera com seus patrícios, mas sem perder a ligação direta com os costumes e a língua dos antepassados.

Êste seu linguajar tão estranhamente mesclado é a expressão correta da sua existência e de seu amor abnegado pelo Brasil e, igualmente, de seu respeito pela tradição de sua família e dos velhos imigrantes. Seria tão difícil apreciar isto?

«Car les Teuto-Riograndenses qui ont contribué à peupler et à mettre en valeur un grand État, à y constituer une autre société et une cité originale participent maintenant à la vie de la Nation qu'ils ont plébiscitée.» (Roche p. 587).

O que nós mostrámos ainda corresponde mais ou menos à situação na própria colônia. Apesar das transformações rápidas da vida moderna sobreviveu êste dialeto e, se homens sensatos não entendem mal sua fôrça expressiva, não precisa ser transformado em museu lingüístico. Pelo contrário!

Lembre-mo-nos do exemplo negativo dos Estados Unidos da América do Norte onde o ensino de línguas estrangeiras foi, por muito tempo, incrivelmente negligenciado e onde hoje, em face dos problemas reais do mundo moderno, todos têm que fazer esforços enormes para recuperar o terreno perdido. Jovens Americanos, filhos e netos de imigrantes que fàcilmente e sem qualquer custo

poderiam ter aprendido a língua dos seus antepassados, têm que fazer estudos caríssimos agora para dar à América do Norte o lugar que lhe compete no intercâmbio cultural.

Vivemos numa época de pluralismo lingüístico!

Tomára que aquí no Brasil os responsáveis pelo ensino das línguas não caíam nos mesmos erros como os Americanos e saibam aproveitar-se dessa riqueza natural e barata que o conhecimento de cada nova língua realmente representa.¹⁾ E não esqueçamos — isto se dirige aos economistas e materialistas — que cada intercâmbio cultural hoje não é mais privilégio da classe favorecida mas de interêsse para o povo inteiro, que cada intercâmbio cultural é o precursor, não só a consequência, do intercâmbio econômico!

Cultivando estas suas línguas ao lado do vernáculo, todos os imigrantes e seus descendentes podem aumentar a grandeza do Brasil. Línguas são pontes vivas entre homens e nações. Falando e traduzindo línguas, transmitimos a melhor compreensão entre os povos.

E não esqueçamos o que Johann Wolfgang Goethe disse a respeito das traduções, êste elemento imprecindível de todo intercâmbio cultural: «Dies ist das wichtigste und wuerdigste Geschaeft in dem Weltverkehr.» «Ê esta a tarefa mais importante e mais digna no intercâmbio mundial.»

1) A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de dezembro de 1961, dando às escolas secundárias a livre escolha entre várias línguas estrangeiras, já abriu novas possibilidades lingüísticas.

BIBLIOGRAFIA

- BOSSMANN, Reinhold: Zur deutschbrasilianischen Mischsprache. Deutsche Nachrichten, São Paulo 5, 6 e 12 de março de 1954.
- FAUSEL, Erich: Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand. X, 230 págs. Erich Schmidt Verlag Berlin, 1959.
- FAUSEL, Erich: Sprachmischung und Deutsch in Brasilien. Zeitschrift fuer Deutsche Philologie. Vol. 78, cad. 1, págs. 83-91, 1959.
- FRIEDRICHSEN, Ad.: Wie der Deutsche in Suedbrasilien spricht. Koseritz-Kalender Pôrto Alegre, 1878, págs. 74-80.
- FURRER, Albert: Deutschbrasilianisches Brauchtum. Serra-Post-Kalender Ijuí, 1939, pág. 89 e segs.
- HANDWOERTERBUCH des Grenz- und Auslandsdeutschtums, 1937. Artigo: Sprache und Mundart. Vol. 1, págs. 520-521.
- KUDER, Manfred: Die deutschbrasilianische Literatur. Iberoamerikanisches Archiv X, 1937, n° 4, págs. 480-481.
- LACMANN, Dr. W.: Die Sprache der Deutschen in Suedbrasilien. Zeitschrift des Allgemeinen Deutschen Sprachvereins, 1905, XX, n° 9, col. 273-276.
- LOEW, Ulrich: Neues Sprachgut und neue Sprachunsitten bei den Deutschen Rio Grandes. Serra-Post-Kalender, Ijuí, 1927, pág. 27 e segs.
- OBERACKER, C. H.: Vocabulário de palavras portuguesas que os descendentes de colonos alemães acolheram na língua vulgar. Sociologia, São Paulo, Vol. 1°, n° 3 de 1939.
- OBERACKER, C. H.: Transformações da língua alemã no Brasil. Revista de Antropologia, São Paulo, Vol. 5°, n° 1, junho de 1957, págs. 1-36.
- OBERACKER, K. H.: Neuschöpfungen der deutschen Sprache in Brasilien. Staden-Jahrbuch, tomo 5°, págs. 175 e segs. S. Paulo, 1957.
- PORZELT, Hanns: Der deutsche Bauer in Rio Grande do Sul. Ochsenfurt, 1937, pág. 98.
- ROCHE, Jean: La colonisation allemande et le Rio Grande do Sul. Traux et Mémoires de l'Institut de Hautes Études de l'Amérique Latine III, Paris 1959, págs. 496 e seg.
- SCHADEN, Egon: Aculturação linguística numa comunidade rural. Journal de Filologia, Vol. I, n° 1, São Paulo, 1953.
- SCHAPPELLE, Benjamin Franklin: The German Element in Brazil. Colonies and Dialect. Americana Germânica, Nr. 26. Philadelphia, 1917.
- WILLEMS, Emílio: Assimilação e Populações Marginais no Brasil. São Paulo, 1940, págs. 191 e segs.
- WILLEMS, Emílio: Aculturação dos Alemães no Brasil. São Paulo, 1946, págs. 274 e segs.